

## **SAIR SEM DIPLOMA DA UNIVERSIDADE: NOVOS RUMOS PARA A PESQUISA**

**Sônia Maria Rocha Sampaio<sup>1</sup>**

**Jeilson Barreto Andrade<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

No quadro da reforma universitária em curso no Brasil, a entrada recente de estudantes em cursos com nova arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia, os Bacharelados Interdisciplinares, oferece um panorama novo e instigante para o desenvolvimento de estudos, que privilegiem a escuta dos atores sobre as circunstâncias que cercam suas vidas como estudantes de uma universidade pública. Esse cenário exige o repensar fenômenos como o da interrupção dos estudos que atinge também a educação superior brasileira e, mesmo em menor escala, também esses novos cursos interdisciplinares. Nesse trabalho são discutidas as circunstâncias que cercam o abandono dos estudos, ao longo do primeiro ano, e o perfil dessa população de universitários. Tem-se, como hipótese de trabalho, que a saída da universidade sem um diploma, se dá pela fragilidade da relação com o saber estabelecida pelo estudante que evade, situando-se, portanto, o problema, no domínio do desenvolvimento de competências cognitivas ligadas ao ato de aprender. A compreensão da qualidade e da natureza da conexão estabelecida pelos estudantes com o saber acadêmico se reveste de importância central na medida em que pode servir para desenhar ambientes que promovam a afiliação institucional e intelectual dos novos atores da educação: os estudantes de origem popular e aqueles que partilham seu tempo entre estudo e trabalho. Esse estudo, realizado pelo grupo de pesquisa Observatório da Vida Estudantil da UFBA/Brasil, fornece elementos para a tomada de decisões que visam a permanência e a conclusão com sucesso da formação universitária em nossas universidades.

---

<sup>1</sup>Professora Associada III da UFBA e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da UFBA.

Palavras-chave: educação superior brasileira; reforma universitária; evasão; relação com o saber.

## APRESENTAÇÃO

A educação superior da juventude é uma demanda incontornável no Brasil contemporâneo. Em 2009, tínhamos apenas 14,4% de jovens entre 18 e 24 anos matriculados na educação superior e desses, apenas 22,2% em instituições públicas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Colocar o país em condições comparáveis a de outros países, mesmo aqueles da América Latina, exigirá um enorme esforço governamental e, especialmente, dos trabalhadores da educação superior: professores, técnicos e gestores. Esse movimento, iniciado há cerca de cinco anos, em nosso país, abre para a entrada, na educação superior, de jovens, oriundos de escolas públicas, cuja socialização e cultura são especialmente desconhecidas pelo mundo acadêmico colocando novas questões pedagógicas, gerenciais e de suporte à sua permanência.

Os Bacharelados Interdisciplinares (BI), criados na Universidade Federal da Bahia, em 2009, são considerados como inovação pedagógica, na medida em que seu desenho afasta-se dos modelos de cursos adotados pelas nossas universidades, em geral, de viés profissionalizante e disciplinar. Atraídos por essa nova modalidade de curso, a cada ano, milhares de alunos se inscrevem para uma das 1.300 vagas distribuídas entre as quatro modalidades disponíveis: Saúde, Humanidades, Artes e Ciência e Tecnologia, com processo seletivo através do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Características peculiares aos BI, como a flexibilidade e autonomia de percurso nos seus currículos, associadas à concentração dos estudos em um único turno e disponibilidade de turmas noturnas, introduziu novos sujeitos no ambiente acadêmico. Esse novo público, privilegiado pela liberdade e autonomia para construção de trajetórias inovadoras de formação, revela o estado dinâmico provocado no ensino universitário brasileiro, a partir das reformas em curso desde 2008 e as múltiplas possibilidades de inclusão na Educação Superior.

Como resultado, espera-se uma evolução das estatísticas indicadoras de inclusão do sistema público de educação superior, com aumento constante das matrículas e redução significativa da taxa de abandono dos cursos. O

preenchimento de vagas e utilização da infra-estrutura ociosa oportuniza a incorporação, no ambiente acadêmico, de diferentes candidatos à formação universitária, de qualquer origem social e racial, propiciando condições para a plena aderência de novos segmentos de brasileiros à educação superior.

A compreensão do perfil dos estudantes, que procuram essa nova modalidade acadêmica, o acompanhamento de seu percurso universitário e a avaliação dos seus resultados, inscrevem-se como prioridade nas políticas de gestão adotadas pela instituição, no âmbito do REUNI, inclusive como argumento para o redesenho e expansão de novas alternativas curriculares. Nesse campo, então, inscreve-se a preocupação da pesquisa com aquele contingente de estudantes que abandonam os bacharelados interdisciplinares, por diferentes motivos, saindo da universidade sem um diploma ou adiando, para um futuro incerto, sua formação superior.

## O CONTEXTO DA DISCUSSÃO SOBRE EVASÃO/ABANDONO DOS ESTUDOS

No final do ano de 2011, três anos após a implantação do Bacharelado Interdisciplinar e sendo o tempo necessário para a conclusão do curso pela primeira turma de estudantes, constatou-se a oferta de 3.500 vagas entre as opções do BI, sendo preenchidas 2.814. Dessas, 2.683 estão ocupadas por alunos que mantêm atualmente vínculo ativo com o curso, incluídos neste quantitativo aqueles que eventualmente tenham abandonado os estudos, mas que ainda não tiveram suas matrículas canceladas de acordo com as normas da Universidade. A diferença  $2.814 - 2.683 = 131$  corresponde às saídas definitivas do curso a pedido, pelo encerramento da matrícula pela Universidade, por atingir algum dos critérios previstos para tanto no Regulamento do Ensino de Graduação – REG ou por transferências internas. Outro dado relevante corresponde ao número de estudantes inscritos em componentes curriculares num dado semestre. Em 2012-1, este número foi fixado em 1.730 e representa, a princípio, o quantitativo de alunos com frequência regular nas atividades de ensino da Universidade neste semestre.

A diferença, portanto, entre o número de vagas preenchidas no Processo Seletivo de 2009 a 2011 (2.814), o número de estudantes inscritos em componentes curriculares no semestre 2012-1 (1.730) e quantidade de alunos diplomados em

2011-2, resulta em 876 estudantes que abandonaram ou interromperam seus estudos ao longo desses três anos. Esse seria, inicialmente, o universo de sujeitos a serem pesquisados se quisermos compreender o que cerca a desistência ou interrupção dos estudos nos BI.

De qualquer forma, a perda de um contingente de estudantes que não se mantém na universidade é um resultado que custa caro, tanto no plano humano, como no plano socioeconômico. No plano humano, isso produz desmotivação, o medo do futuro, um déficit de formação e, frequentemente, menores chances de emprego num mundo extremamente competitivo, com consequências sobre a qualidade do nosso desenvolvimento como nação. Sobre o plano socioeconômico, os investimentos públicos tornam-se “não produtivos”, ou seja, não repercutem, como deveriam, na redução das desigualdades e na inclusão das novas gerações no sistema produtivo e de serviços.

No Brasil, em dados do INEP de 2008, um estudante custava cerca de 14,763 reais por ano à coletividade. Um estudante que fracassa, abandona ou interrompe, custa os mesmos 14.763 reais. Pelo REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – , foram e ainda estão sendo construídos muitos metros quadrados novos para ampliar as universidades. Um exemplo: se temos um novo anfiteatro, quer ele seja ocupado ou não, quer os estudantes fracassem ou não, o investimento feito para construí-lo e mantê-lo é o mesmo. Assim, espera-se uma rentabilidade dos investimentos em educação, tema sobre o qual nós apenas começamos a pensar no Brasil. É mais comum consideramos a luta contra o fracasso e o abandono dos estudos, em qualquer nível da educação, em termos humanistas e pelo viés da generosidade, mas é necessário também fazer contas. Países como a Suíça, há vinte anos, decidiram enfrentar este problema, tomaram medidas no sentido de diminuir o fracasso, especialmente, no primeiro ano e, em alguns anos, reduziram a taxa de fracasso de 45% para 20%.

A tabela a seguir apresenta a evolução das taxas de evasão para o setor público e o privado de 2002 até 2008, último ano disponível na sinopse do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais:

Taxa Evasão	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Universidade	25%	27%	23%	37%	41%	45%	42%

Pública <sup>3</sup>							
Universidade	42%	46%	56%	52%	55%	54%	52%
Privada							

Fonte: INEP

De forma geral, segundo esses dados, as universidades públicas encontram-se em melhor situação que as de caráter privado, no período observado. Entretanto, mesmo nessas instituições, o problema pode ser considerado grave e apresenta uma tendência a evoluir, ainda que, em 2008, observe-se uma ligeira queda em relação ao ano anterior, em ambas as dependências administrativas.

A luta contra esse desperdício precisa ser enfrentada pelo governo brasileiro, mas, para fazê-lo, precisamos compreender realmente o que acontece. Quando falamos em evasão ou fracasso ou ainda de abandono, é provável que cada uma dessas palavras designe fenômenos diferentes dentro de um mesmo campo. Precisamos enfrentar essa discussão e, dessa forma, permitir que a pesquisa avance.

A julgar pelo volume e datação da literatura, é recente a preocupação da pesquisa brasileira com o abandono dos estudos em cursos da educação superior<sup>4</sup>, tema que interroga, ao mesmo tempo, a sociedade e a instituição universitária. Evasão foi, e ainda é, tema privilegiado da pesquisa em escolas de ensino fundamental e de ensino médio e a fragilidade de estudos nessa área, com foco na educação superior, é o que permite um relativo ofuscamento das suas causas e extensão, tanto em universidades públicas como privadas. De qualquer forma, num país que ainda lida com a necessidade de universalizar o ensino médio, parece paradoxal que o aluno realize um verdadeiro percurso de combatente para ter acesso à educação superior pública, e dela desista, ao final de um tempo variável, em que o primeiro ano é crucial.

O abandono dos estudos é um objeto privilegiado da pesquisa sobre a universidade contemporânea, pela simples constatação de sua amplitude, em instituições dentro e além de nossas fronteiras. Na opinião de Coulon (2008, p. 31),

---

<sup>3</sup> Existem, no Brasil, 190 universidades, 101 públicas e 89 privadas. Funcionam ainda 126 centros universitários, em sua grande maioria privados, e 2.025 Faculdades igualmente quase todas privadas. Um total de 911.739 estudantes ingressou em universidades, em 2010: 60,1% em universidades privadas e 39,9% no sistema público.

<sup>4</sup> O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior foi criado apenas em 2004.

“Hoje o problema não é entrar na universidade, mas continuar nela [...]”, referindo-se à gravidade da situação que atinge tanto o sistema universitário francês quanto europeu.

Um dos indicadores utilizados para realizar a avaliação de uma instituição de educação superior é a sua taxa de evasão. Quanto menor ela é, mais diplomados são disponibilizados à sociedade. Se os índices de evasão são consideráveis, podemos concluir que existem problemas e disfuncionamento, sem, contudo, podermos afirmar, no caso deles serem baixos, que tudo ocorre de forma satisfatória.

Na tentativa de compreender a evasão em universidades, uma das vertentes, analisa o tema enfatizando a falência do preparo anterior dos estudantes para as exigências da vida acadêmica. Esta pode ser apenas uma via fácil diante da complexidade que o tema nos apresenta. Com isso, não excluimos dessa análise, a formação imperfeita disponibilizada por escolas de nível médio, sejam elas públicas ou particulares. O fato das escolas médias privadas terem como foco, quase exclusivo, auxiliar os jovens a ultrapassar a barreira do vestibular, em cursos de progressão linear, resulta num preparo muito insuficiente em habilidades importantes, que dêem suporte ao futuro estudante universitário do ponto de vista das exigências intelectuais que enfrentará nessa nova etapa; o exemplo prático para nossa constatação é que, mesmo treinados para passar a barreira do ingresso na universidade, os estudantes, em geral, enfrentam muitas dificuldades na produção de textos acadêmicos. Em escolas públicas, ao menos na realidade que conhecemos, além da oferta de uma educação qualitativamente deficitária, não se realizam esforços consistentes para promover a continuidade dos estudos (SAMPAIO e SANTOS, 2011), facilitada, no caso de nossas universidades, pelas políticas de ações afirmativas por elas adotadas.

Realizados há bastante tempo para tratar do desengajamento de crianças e jovens da escola fundamental ou média, os estudos sobre evasão chegam tardiamente à educação superior<sup>5</sup>. As palavras utilizadas comumente nesses trabalhos foram, dessa forma, retomadas para designar experiências pretendidas

---

<sup>5</sup> Segundo Moelhlecke (2007), a primeira vez que se realizou um estudo de âmbito nacional para o acompanhamento de estudantes universitários, foi em 1997, quando foram analisadas, não apenas as taxas de evasão, mas também de diplomação e de retenção de cursos superiores públicos no Brasil. O estudo, entretanto, não contemplou causas e/ou motivações para a evasão, nem os fatores que influenciam as taxas de diplomação e retenção.

como similares. Aqui, um primeiro cuidado é necessário: é possível que o fenômeno não seja o mesmo, ou não esteja submetido às mesmas injunções, quer se trate de uma criança de 9 anos, de um adolescente de 14 ou de um jovem de 22 anos, ainda que igualmente nomeado em todos os casos. A palavra evasão, utilizada na área das ciências da educação para designar a saída de indivíduos matriculados em qualquer nível do sistema educacional requer, assim, alguma precaução e exame prévio.

Se a evasão, considerada como classe geral, significa uma desistência do estudante que sai da universidade sem concluir o curso, para Pereira (1995) “existem categorias que podem ser observadas, como abandono, cancelamento a pedido, cancelamento pela universidade e transferência para outra instituição”; segundo ele, “ainda podemos identificar outra nuance na evasão: quando o aluno migra de um curso ou área para outro”. Nesses casos, propõe o autor considerar essa mudança como flutuação ou mobilidade que se dá como consequência de um possível amadurecimento pessoal do estudante, não sendo possível então, compreender esse tipo de evasão como “problema”, mas resultado de uma busca.

De um ponto de vista técnico, evasão ainda pode ser entendida como evasão anual média e evasão total. A evasão anual média tem como objetivo mensurar a porcentagem dos estudantes matriculados num sistema de ensino, IES (Instituições de Educação Superior) ou curso, que não se formaram e não se matricularam no semestre ou ano posterior. A evasão total, também chamada de índice de titulação, mede a quantidade de estudantes que cursaram uma IES ou sistema de ensino, mas não conseguiram o diploma (REIS FILHO et al., 2007). A evasão também pode ser tardia ou imediata, resultando de motivações distintas para a evasão (SANTOS; BARROS, 1994).

A dúvida pela continuidade também constitui uma problemática correlacionada com a evasão estudantil. Dias (1995) aponta dois tipos de dúvidas na continuidade e interrupção do curso, chamados de *sentimento de dúvida* e *dúvida real*. O *sentimento de dúvida* caracteriza-se pela insatisfação, questionamentos relativos ao curso, mas que não apresenta uma tomada de decisão imediata. Na *dúvida real*, o estudante se sente movido a tomar uma decisão sobre a continuação ou não do curso. A dúvida da continuidade desencadeia o prolongamento ou a desistência do curso, pois a entrada na universidade não garante o êxito educacional do estudante. O ensino superior apresenta uma forma de ensino-

aprendizado diferente da que o estudante estava acostumado na escola. Essas diferenças podem fazer surgir o sentimento de insegurança com relação à vida universitária e à futura profissão.

Num estudo publicado em 2007, Beaupère et al. (2007) aborda a dificuldade conceitual ligada ao tema da evasão. Essa autora identifica quatro denominações que são importantes de precisar e alocar em seus contextos específicos. Os termos “desengajamento” e “fracasso” remetem, implicitamente, ao mau funcionamento do ensino; é uma das reações possíveis ao ambiente e às suas contingências. Os termos “abandono” e “desistência” parecem mais ligados a decisões individuais. Estas diferentes terminologias não são neutras e subentendem fatores diferentes para o abandono dos estudos superiores.

As opiniões desses autores chamam nossa atenção para a não neutralidade das palavras utilizadas nesse campo, na medida em que elas remetem à observação diferenciada de seus antecedentes e até, acrescentamos, do seu desenvolvimento.

No caso brasileiro, além da seleção oficial para a entrada na educação superior, seja através de exames vestibulares ou através do Exame Nacional do Ensino Médio, outra seleção, ou talvez outras, operam de forma oficiosa. Essas seleções referem-se à organização dos currículos; à hierarquia socialmente estabelecida entre os diferentes tipos de diplomas concedidos pelas universidades; às dificuldades encontradas pelos estudantes para responder, de forma adequada, às exigências dos professores; às competências voltadas para as tarefas intelectuais efetivamente conquistadas antes da entrada na universidade e a aspectos concorrentes, como casamento e filhos, especialmente para estudantes do sexo feminino, e trabalho, para ambos os sexos.

No caso de estudantes que deixam a Universidade, em função da necessidade de trabalhar ou de se ocupar dos filhos, temos aí um “tipo” de saída, que, para muitos, é vivida como uma espécie de adversidade da vida, pois conhecem a importância da longevidade escolar com obtenção de diploma, como fator de preparação intelectual e mobilidade social. No cotidiano da sala de aula, são inúmeras as histórias desse tipo entre estudantes mais velhos e que retornam, por vezes, muitos anos depois, em busca de continuar sua formação acadêmica.

Além da perspectiva macro de análise em torno da evasão, é possível abrir as lentes da observação para encontrar, em detalhes do cotidiano da vida em



universidades, se não motivos, mas condições sutis que, reunidas, fazem parte do percurso até o abandono completo dos estudos. Diz Felouzis (1997, p.94):

[...] a organização universitária é, em grande parte, implícita, o que dá aos primeiros passos dentro da universidade o aspecto de uma corrida de obstáculos na qual sobrevivem apenas os mais dotados do ponto de vista escolar e aqueles que conseguem decodificar, antes dos outros, a coerência geral da instituição e do currículo.

Um antídoto em relação ao perigo dos “implícitos” é aumentar o tempo de permanência dos estudantes no espaço da universidade, como alerta Coulon (2008). Quanto mais tempo passar o estudante nesse ambiente, maiores serão suas chances de compreender o funcionamento desse mundo, suas regras, seus limites, suas exigências e possibilidades. Mesmo a participação em eventos não diretamente relacionados às aprendizagens acadêmicas é importante nesse percurso que leva da admissão ao diploma.

Pais (2005) vai identificar na juventude portuguesa trajetórias lineares da escola para o trabalho que tendem a se transformar em trajetórias *ioiô*: tanto para os que vão cedo para o mercado como para aqueles que se encontram em universidades, a necessidade de qualificação exige o retorno à escola para novos períodos formativos, o que pode adiar muito decisões relativas à vida pessoal e independência do ponto de vista do domicílio. Todas essas modificações relativas à juventude e suas intrincadas relações com a educação, o mundo do trabalho, a família e aspectos do desenvolvimento pessoal não podem deixar de participar da relativa instabilidade juvenil frente à sua permanência na educação superior.

Por outro lado, as relações das novas gerações com o mundo baseiam-se na instantaneidade, na interatividade à distância, permitida pela comunicação sem fio, o que altera hábitos e expectativas relativas ao modo de conhecimento mais adaptado às novas tecnologias. Seria esse mundo também frequentado pelos professores e considerado quando professores planejam suas estratégias educativas? Canclini (2009) vai interrogar se as diferenças geracionais identificáveis entre professores e alunos se manifestam somente no manejo de conteúdos informativos ou, igualmente, nos estilos de acesso e uso da informação: “Quando

queremos preparar um trabalho, procuramos a informação em livros, revistas ou na internet?” (CANCLINI, 2009, p. 149).

Esse autor chama ainda a nossa atenção para uma espécie de “presenteísmo” – a perda do sentido histórico e utópico (CANCLINI, 2009), que impera nas relações da juventude com a vida e em suas relações pessoais e institucionais. São exatamente os jovens que experimentam, de forma severa, a instabilidade profissional e a exposição a riscos pouco previsíveis, permitindo certo “descolamento” da perspectiva histórica, que leva muitos à desesperança e a um sentimento de que “o esforço não vale à pena”, atingindo, também, suas relações com a educação (CANCLINI, 2009).

Frente a um vasto mundo informacional e acessível, como o ensino ainda professoral adotado em universidades em todo o mundo é sentido por uma parcela dessa juventude que busca espaço nelas para em seguida descartá-la? Que tipo de antena necessita a educação superior para se conectar aos novos tempos vividos pela juventude que a procura? Estariam essas mudanças implicadas no abandono ou interrupção dos estudos superiores? De que forma? Como sintonizar esses dois mundos que parecem em curso de um divórcio onde a linguagem comum foi rompida?

A relativa rigidez em que vivem as universidades pode estar em dissonância com a instabilidade e flutuação do mundo onde circulam as novas gerações. Isso pode ter consequências importantes do ponto de vista curricular. Para Ribeiro (2003), a evasão seria um fenômeno que revela uma crítica à universidade que não consegue se estruturar de modo compatível com novos modos de comportamento. Para ele, a evasão pode ser vista como uma reação às fronteiras disciplinares que permeiam o que a instituição oferece a seus estudantes. A forma como cada área se delimita até espacialmente e a especialização extrema do saber já não dão mais conta das necessidades humanas relativas ao conhecimento. A universidade não pode restringir seu espaço de liberdade, criação e cultura, mas deve promover espíritos inquietos e não ter como objetivo central a emissão de diplomas que dão acesso linear a uma profissão; sua função é apresentar os múltiplos saberes que extrapolam fronteiras, propõem novas áreas de fricção entre eles e derivam da inovação.

O tratamento adequado desse tema não pode se restringir ao campo da educação. Ele exige aproximação de saberes originários de outras áreas do

conhecimento, especialmente aquelas que discutem mudanças no mundo do trabalho, a distinção contemporânea entre mundo analógico e digital que cria novas questões intergeracionais e, sobretudo, estudos sobre juventude que discutam o que significa emancipação para as novas gerações. Evitando toda individualização do problema, na medida em que, sair da universidade sem um diploma, não é ato circunscrito ao âmbito da família ou do jovem que toma essa decisão, se é que podemos chamar essa saída de “decisão”. Talvez ela seja adotada como única alternativa e seja gestada antes mesmo da entrada do jovem na vida universitária.

As contribuições existem, são variadas e, mesmo quando não tratam diretamente da questão da evasão, provêm reflexões, aportes e interrogações sobre a juventude no mundo contemporâneo que a instituição universitária tem sido refratária em considerar, deixando para as tabelas e quadros estatísticos a tarefa de apenas mostrar a existência do fenômeno, sem mobilizar energias para lidar, sinceramente, com o problema.

Todos esses aspectos relacionam-se com o que Charlot (1999) irá chamar de relação com o saber, que vai se instituir em meio ao processo de afiliação intelectual e institucional que realiza o estudante, especialmente ao longo do seu primeiro ano (COULON, 2008). No quadro atual da universidade, como ela se organiza, muitas são as competências exigidas do novo estudante. Ele agora deve familiarizar-se com o mundo das ideias e, é preciso compreender as regras que regem esse novo mundo. Entretanto, essas competências e regras não são informadas aos neófitos e, talvez, elas não sejam claras sequer para os professores. A memorização ainda é o processo psicológico básico mais familiar ao mundo da educação, mesmo a universitária.

Mas, além da memória, do que precisa um estudante universitário? Segundo Coulon (1999), ele precisa da aprendizagem ativa das categorizações que constituem o mundo intelectual; precisa, também, aprender a organizar esse mundo da mesma forma que os seus professores e colegas mais avançados, atribuindo-lhe os mesmos sentidos. Só assim ele poderá ser considerado membro competente dessa sociedade onde ele se propôs viver. Para um novo estudante, o conteúdo intelectual se relaciona, em um primeiro momento, às suas regras formais práticas, por exemplo, de utilização do vocabulário, de intervenções orais oportunas, de práticas de escrita e leitura, de concentração. Um pouco mais tarde, ele vai descobrir que existem também regras do trabalho intelectual que devem ser

dominadas imperativamente, em particular, as regras de classificação das ideias dos conceitos, dos discursos e das práticas universitárias (COULON, 1999).

Dessa forma, é tarefa da educação superior auxiliar esse jovem a iniciar-se e consolidar competências básicas que se constituem como ferramentas fundamentais para manejar e dar conta das tarefas que lhe são solicitadas. Sem elas, o estudante tende a fracassar ou, a passar pela vida acadêmica sem realmente constituir-se intelectualmente, de forma autônoma, resultando que a educação superior seja vivida como uma experiência inócua, destinada, unicamente, a atribuir diplomas de qualidade duvidosa, como se queixam tanto professores quanto empregadores (SAMPAIO, 2010).

Os debates em torno do sucesso escolar, das experiências de afiliação bem sucedidas e da proposição de ações pedagógicas que favoreçam a afiliação dos estudantes à cultura universitária podem também ser construídos num diálogo com Charlot (2000). Esse autor interroga e discute os limites das teorias da reprodução, no campo da Sociologia, com destaque para as análises das diferenças de sucesso escolar orientadas pelas diferenças econômico-sociais entre os alunos. A sua principal crítica a essas sociologias reside na recusa que fazem em tomar o tema da subjetividade como ponto de análise das experiências de sucesso escolar.

Charlot (2000) propõe, então, uma sociologia do sujeito cujo fundamento teórico seria o da relação com o saber - a dimensão de produção de sentido que os sujeitos constroem nas experiências pedagógicas ao longo da vida. A *relação com o saber* compreendida como sistemas de relação, no qual sua função e sentido convergem para a produção do sujeito da educação. Para Soares (2008, p.191) “[...] a relação com o saber [...] desdobra-se na relação do estudante consigo mesmo, com os outros, com as regras e com o poder [...]”. Dito de outro modo, a relação com o saber pode ser produzida numa dimensão crítica, reflexiva, participativa e interdisciplinar.

Para efeito de análise, Charlot (2000) oferece-nos três figuras do saber que estão presentes nas práticas pedagógicas a que os alunos estão expostos: a relação epistêmica, a de identidade e a social. A relação epistêmica é definida a partir da experiência de apropriação, dominação e regulação de um saber na relação com um objeto. A relação de identidade se constitui num deslocamento do tipo: relação consigo mesmo e relação com os outros, e a relação com o saber como relação social considera e dá relevo às histórias sociais, às trajetórias e às posições

ocupadas pelos estudantes ao longo de sua vida escolar/educacional. Seria então, sempre necessário considerar a história dos indivíduos relativa aos modos de apropriação do conhecimento e à natureza das aprendizagens a que foram solicitados, para compreender um momento específico de sua trajetória, no caso, a vida universitária. Momento esse que comporta uma grande exigência intelectual rumo à autonomia.

Nesse sentido, a noção de relação com o saber, por ser mediadora e integradora, não se limita a considerar causas externas para o insucesso na Universidade, nem a apelar para características individuais dos sujeitos, porque concebe o estudante como centro ativo de produção de sentido. A relação com o saber se construiu na interação com outros e inclui esta dimensão histórica. É na interlocução entre os estudos que apresentam o estatuto de estudante como exigente terreno de construção dessa condição (COULON, 2008) e as pesquisas que propõem considerar as aprendizagens que fizeram sentido, ao longo de seu itinerário, trazidas para essa nova etapa da busca por conhecimento, narrativas denominadas *bilan de savoir*, (CHARLOT, 1999; ROCHEX, 1995) que propomos o quadro teórico para a investigação dos fatores que determinam o afastamento de estudantes universitários, dos cursos que escolheram, elaborando um modelo compreensivo que utiliza como eixo norteador uma sociologia do conhecimento, de base fenomenológica centrada no “mundo da vida” (SCHÜTZ, 2007).

A presente de pesquisa articula-se às atividades do Programa de Orientação Acadêmica (POA) desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Observatório da Vida Estudantil (OVE), a partir de 2011, para estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA e foi, a partir de questões colocadas ao longo de sessões de orientação pelos próprios estudantes, que sistematizamos um projeto que desse conta desse tema. O projeto articula duas Unidades de Ensino da UFBA (Instituto de Humanidades, Artes e Ciências e Instituto de Psicologia) e dois programas de Pós-Graduação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade), através do envolvimento de estudantes de Graduação, Pós-Graduação e professores pesquisadores de ambos os espaços. Esse estudo tem como propósito reunir, analisar e discutir dados quantitativos e qualitativos acerca da população de estudantes que interrompeu os estudos nos bacharelados interdisciplinares da UFBA, nos três últimos anos.

## PRIMEIROS RESULTADOS

A tabela abaixo destaca os principais dados referentes ao número de estudantes matriculados nos Bacharelados Interdisciplinares (BI) no período 2009 a 2011:

Quadro de oferta X ocupação de vagas no IHAC/UFBA – 2009-2011								
Curso	Turno	Vagas oferecidas	Vagas preenchidas no Processo Seletivo*	Vagas ocupadas em 2012-1**	Alunos inscritos em 2012.1***	Alunos diplomados em 2011	Retenção	Taxa de Evasão
BI em Artes	Diurno	300	227	211	139	11	33	33,9%
	Noturno	600	469	446	285	26	67	33,7%
<b>Total:</b>		<b>900</b>	<b>696</b>	<b>657</b>	<b>424</b>	<b>37</b>	<b>100</b>	<b>33,8%</b>
BI em Ciência e Tecnologia	Diurno	200	136	133	106	0	0	22,1%
	Noturno	500	396	379	255	32	34	27,5%
<b>Total:</b>		<b>700</b>	<b>532</b>	<b>512</b>	<b>361</b>	<b>32</b>	<b>34</b>	<b>26,1%</b>
BI em Humanidades	Diurno	300	246	232	142	27	35	31,3%
	Noturno	900	811	773	476	60	105	33,9%
<b>Total:</b>		<b>1.200</b>	<b>1.057</b>	<b>1.005</b>	<b>618</b>	<b>87</b>	<b>140</b>	<b>33,3%</b>
BI em Saúde	Diurno	200	138	135	107	0	0	22,5%
	Noturno	500	391	374	220	52	3	30,4%
<b>Total:</b>		<b>700</b>	<b>529</b>	<b>509</b>	<b>327</b>	<b>52</b>	<b>3</b>	<b>28,4%</b>
<b>Total Geral:</b>		<b>3.500</b>	<b>2.814</b>	<b>2.683</b>	<b>1.730</b>	<b>208</b>	<b>277</b>	<b>31,1%</b>

Fonte: SIAC – Sistema Acadêmico; Módulo Colegiado. Acesso em 5/Mar/2012.

\* Vagas ocupadas no ato da matrícula na Universidade, no ingresso do aluno;

\*\* Número de alunos ativos em 2012-1 (após colação de grau, cancelamentos de matrícula, desistências oficiais de curso, jubramento, etc.); engloba todos os alunos em situação regular e os que já atingiram parcialmente os critérios para jubramento;

\*\*\* Alunos com matrícula em componentes curriculares no semestre 2012-1.

No cálculo da Evasão, foi utilizada a relação "Evasão = [(nº de ingressos - nº de inscritos em 2012-1 - nº de diplomados)/nº de ingressos] X 100". Para o cálculo por BI/Turno, por BI e Geral, foi utilizada a mesma expressão. Os estudantes com trancamento total de matrícula no semestre 2012-1 são incluídos no cálculo.

Esses cursos foram implantados na UFBA a partir do ano de 2009. Como têm duração de três anos, os primeiros alunos foram diplomados apenas no segundo semestre do ano de 2011.

Uma análise preliminar desses dados permite constatar que o abandono ou a interrupção dos estudos tem ocorrido em maior intensidade nos cursos de Artes (33,8%) e Humanidades (33,3%), sem que haja uma variação significativa entre os turnos diurno e noturno. No caso dos cursos de Ciência e Tecnologia e Saúde, que são os cursos com maior procura no processo seletivo, a taxa de evasão é menor (Ciência e Tecnologia – 26,1%; Saúde – 28,4%). Esses índices, quando comparados com os dados referentes aos demais cursos tradicionais da Universidade, cuja taxa de evasão é de aproximadamente 42%, apontam que nos Bacharelados Interdisciplinares a permanência dos estudantes nesses cursos tem sido maior, com um melhor aproveitamento das vagas disponibilizadas a cada ano.

O Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC, unidade universitária da UFBA responsável por sediar os BI, responde atualmente por 16,2% da oferta anual de vagas em cursos de Graduação da Universidade. No Campus da cidade de Salvador-BA, onde o IHAC está situado, esse percentual chega a 18,1%. A Universidade oferece anualmente 7.991 vagas em cursos de Graduação e possui atualmente cerca de 28.950 alunos regularmente matriculados.

Embora os dados numéricos da evasão constatados a partir da análise da ocupação de vagas nos cursos da modalidade Bacharelado Interdisciplinar sejam menores do que em outros cursos de graduação da Universidade e até mesmo da média nacional, cujos dados do Ministério da Educação indicam um índice de 41% em 2011, os valores mensurados até então representam taxas ainda altas, exigindo estudos que permitam sua compreensão.

## CONCLUSÃO

Os objetivos maiores de qualquer instituição de Ensino Superior, em especial quando públicas, devem ser o de bem qualificar seus estudantes e o de lograr êxito em termos do número de diplomados que libera periodicamente para a sociedade. Neste sentido, considerando a implantação dos Bacharelados Interdisciplinares na Universidade Federal da Bahia em 2009 e a formação da sua primeira turma em 2011, faz-se necessário uma análise detalhada do desempenho dos estudantes destes cursos em relação às taxas de evasão, diplomação e retenção. Trata-se de um tema que se interpõe na estreita relação entre universidade e sociedade,

principalmente quando se tem por escopo um estudo neste nível em instituições públicas.

A expansão do Ensino Superior no Brasil nos últimos anos trouxe para as universidades um novo público, constituído por diferentes gerações e dotado de peculiaridades nas suas trajetórias e práticas acadêmicas. A compreensão do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes dos BI e o acompanhamento de suas trajetórias na universidade são de fundamental importância para investigar as circunstâncias que acarretaram a interrupção ou o abandono dos estudos nestes cursos, ao longo dos seus três primeiros anos de implantação.

Espera-se uma compreensão qualificada dos índices de evasão constatados no período 2009 - 2011, além da avaliação dos resultados das políticas de ampliação do acesso e permanência no Ensino Superior, adotadas nacionalmente a partir de 2007 e traduzidas na UFBA pela implantação de novas arquiteturas curriculares, embasadas em princípios como a flexibilidade, autonomia, articulação e atualização.

Finalmente, vale lembrar que o esforço apresentado se destaca mais pelo seu caráter de sistematização e problematização da evasão, com tentativas iniciais de traçar o perfil socioeconômico e cultural dos evadidos dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA, do que caracterizar de modo incisivo a complexidade que o tema engloba.

### **Referências bibliográficas**

BEAUPÈRE, Nathalie et al. *L'abandon des études supérieures*. Paris : La Documentation Française, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. Diversidade e direitos na interculturalidade global. *Revista Observatório Itaú Cultural / OIC*, n. 8, p. 144-152, 2009.

CHARLOT, B. *Le rapport au savoir en milieu populaire: une recherche dans les lycées professionnels de banlieue*. Paris: Economica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COULON, A. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.



\_\_\_\_\_. *Penser, classer, catégoriser. l'efficacité de la méthodologie documentaire das les premiers cycles universitaires. les cas de l'Université de Paris 8.* Paris: Laboratoire de Recherches Ethnométhodologiques, 1999.

DIAS, E. T. *Dúvida da continuidade dos estudos universitários: uma questão adolescente.* 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1995. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Fava.

FELOUZIS, G. Les Étudiants et la sélection universitaire. *Revue Française de Pédagogie*, n. 119, p. 91-106, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.* Rio de Janeiro, 2010. (Estudos & pesquisas, 27). Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>>. Acesso em: 26 dez. 2011

MOEHLECKE, Sabrina. Avaliação institucional no ensino superior: como acompanhar a trajetória dos estudantes de graduação? In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1., 2007, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: ANPAE, 2007.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, futuro e trabalho.* Lisboa: Ambar-Idéias no Papel, S.A., 2005.

PEREIRA, J. T. V. *Uma contribuição para o entendimento da evasão um estudo de caso:* Unicamp. Campinas, SP: Pró-reitoria de graduação da Unicamp, 1995. p.23-32.

FILHO, R. L.L.; MOTEJUNAS, P.R. ; HIPÓLITO, O. LOBO, M.B.C.. A Evasão no Ensino Superior Brasileiro. Inst. Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia. *Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas*. set. / dez. v. 37 n. 132, 2007.

RIBEIRO, Renato. Janine. *A Universidade e a vida atual - Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ROCHEX, J-Y. *Le sens de l'expérience scolaire*. Paris : PUF, 1995.

SAMPAIO, S. A educação superior como espaço privilegiado para orientação acadêmica. In: GUZZO, R.; MARINHO, C. *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras*. Campinas: Átomo e Alínea, 2011. No prelo.

SAMPAIO, S.; SANTOS, G. Vincular a universidade a escolas de ensino médio. Apontamentos iniciais para uma tarefa urgente. *Revista Estudos IAT*, v. 2, p. 12-20, 2011.

SANTOS, J.L.F;BARROS, L.F. *Cadernos de Estudos da Evasão. Núcleo de Apoio aos estudos de graduação – USP*. São Paulo, 1994.

SATO, T., HIDAKA, T., & FUKUDA, M. Depicting the dynamics of living the life: the Trajectory Equifinality Model. In J. Valsiner *et al* (eds.) *Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences*, 2009.

SCHÜTZ, A. *Essais sur le monde ordinaire*. Paris : Le Félin Poche,2007.

SOARES, S. R. Cidadania e relação com o saber no currículo de formação de professor: desvelando sentidos da prática educativa. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v.12, n.3, p. 187-195, set./dez. 2008. Disponível em: [http://www.unisinos.br/publicacoes...educacao/.../187a195\\_art04\\_soares.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes...educacao/.../187a195_art04_soares.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2011.